

"A CRIAÇÃO FORA DO TEMPO"

ANDRÉ GOLDFEDER

WILLEMART, Philippe. *Psicanálise e teoria literária: o tempo lógico e as rodas da escritura e da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Como afirma Michel Peterson na apresentação de *Psicanálise e literatura*, a imagem da roda, combinada à da espiral, representa um ponto de chegada na obra de Philippe Willemart. Considerada a relatividade dos marcos iniciais e finais implicada pela última figura, uma duplicidade explicitada em "Como se constitui a escritura literária?" (2002) bem poderia ser projetada no lugar ocupado por essa nova coletânea na trajetória que a engloba.

Por um lado, nela reencontramos o "grão de gozo", fragmento pulsional fundante e insistente, de acordo com a teoria lacaniana, que empurraria, segundo Willemart, o sujeito ao longo de uma campanha de escritura, sustentando o texto móvel que o invocaria e guiaria. Mantida a analogia com este último conceito, cujo embrião remonta ao menos a *Universo da criação literária* (1993), pensaríamos no impulso crítico que prolonga por mais de trinta anos uma tentativa de compreensão dos processos criativos em literatura e nas artes, apoiado sobretudo em uma "imbricação" dos saberes da teoria literária, da crítica genética e da psicanálise. Por outro lado, reconhecemos novos giros, que desdobram ou complementam os movimentos anteriores, como nas sucessivas reordenações que atualizariam o texto móvel.

Nas duas primeiras partes, retomam-se e ampliam-se conceitos e problemas teóricos e metodológicos amarrados nessa imbricação. Em seguida, na terceira parte, apresentam-se resultados recentes de uma convivência de longo fôlego com os manuscritos proustianos, para, na última parte, introduzir-se o produto das primeiras incursões do autor pela obra do escritor belga Henry Bauchau (1913-2012).

Um primeiro giro avança a partir de "A roda da escritura" (2009), mantendo a ênfase na penúltima instância operante na roda da escritura, a do primeiro leitor, e elege a noção lacaniana de tempo lógico como prisma de decifração das "bifurcações" da lógica genética. Suspenso nas "paradas" em que se ocasionam as rasuras, o releitor, diante da "constatação de certa cegueira", operaria decisões que "contaminariam" o sentido global da obra apenas após sancionadas pelo autor. Estaria, portanto, na temporalidade em que, nas palavras de Lacan, "o depois se fazia de antecâmara para que o antes pudesse tomar seu lugar" (*Escritos*, p. 197).

Ao mesmo tempo, encadeia-se outra roda, a da leitura, à primeira. Como eixo comum, novamente, a suspensão nas "paradas", onde o (segundo) leitor reencontraria o primeiro, atraído, cada um a seu tempo, pela pulsão da escuta, tal como descrita pelo escritor Pascal

Quignard, presença marcante no livro, para quem “Escrever (ler) é ouvir a voz perdida”, a “nostalgia em ato do outro da linguagem” (citações às pp. 24 e 19). Reencontro, portanto, da literatura como “salto do imaginário, indo do que ele [“o sujeito-leitor”] pensa que é [...] ao vazio”, “volta também inesperada para o campo do Outro”, (24) do indizível do sujeito e de sua comunidade.

Daí, talvez, a insistência na sonoridade da fala e do ritmo nos manuscritos de Proust (pt. I, caps. 4 e 5). Ou, também, o desfecho do livro sinalizando para a contemporaneidade do *Édipo na estrada* (1990) de Bauchau, personagem não mais levado pela pulsão de saber, mas pela escuta da matéria em busca de um enlace singular entre sonho, sujeito e vigília: “um trabalho da mão que se deixa dirigir pela pedra, não mais um passado planejado, mas um futuro que se desenha” (201).